A ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

RITA DE CASSIA PINTO DINIZ MALIZIA

RESUMO
Este artigo explicita sobre a importância da arte na educação especial, elencando os fragmentos deste componente curricular nesta modalidade de educação e o desenvolvimento integral dos estudantes com deficiência e estão envolvidos nas atividades escolares. O principal objetivo foi compreender como a metodologia desenvolvida pelo professor de Artes pode influenciar no processo ensino aprendizagem do aluno com deficiência que está no ensino regular. É importante possibilitar que atividades de artes visuais sejam desenvolvidas pelos alunos de forma interdisciplinar, em diferentes tempos e espaços escolares, haja vista que atividades artísticas que fomentam a criatividade e autonomia dos estudantes se constituem imprescindíveis aliadas educacionais. Com a intenção de contribuir para as reflexões do professor, este artigo discute o ensino de arte para alunos com deficiências, pautado na recente produção brasileira de conhecimento. Valoriza-se a construção de um trabalho de ateliê e de fruição, a partir da divulgação de resultados de pesquisas que falam de contextos educacionais e culturais brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de arte. Educação Especial. Inclusão. Deficiente.

ABSTRACT
This article explains the importance of art in special education, listing the fragments of this curricular component in this mode of education and the integral development of students with disabilities and are involved in school activities. The main objective was to understand how the methodology developed by the Arts teacher can influence the teaching process learning of the student with disabilities who is in regular education.It is important to make it possible for visual arts activities to be developed by students in an interdisciplinary way, in different times and school spaces, since artistic activities that foster creativity and autonomy of students are indispensable educational allies. With the intention of contributing to the reflections of the professor, this article discusses the teaching of art for students with disabilities, based on the recent Brazilian production of knowledge. The construction of a work of atelier and fruition is valued, from the dissemination of research results that speak of Brazilian educational and cultural contexts.

KEYWORDS: Art teaching. Special Education. Inclusion. Disabled

INTRODUÇÃO

Aprender é uma experiência. Vivenciar os acontecimentos é identificar novas experiências. As Artes favorecem o “olhar” para a identificação de experimentações e se pronunciam como um recurso único de inclusão social, de empatia a cada particularidade de cada pessoa. É por meio das Artes que se pode respeitar o modo particularizado de expressão de cada pessoa, sua subjetividade empírica, sua maneira de se relacionar com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

O trabalho com a disciplina de Arte na Educação Especial não deve ser diferente daquele realizado no ensino regular, ou seja, o aluno com ou sem deficiência precisa ter acesso ao fazer artístico de modo sistematizado, com recursos e conceitos teóricos, técnicas e a prática daquilo que está sendo estudado. Isso pode contribuir tanto para sua compreensão como protagonista de suas composições, como na aprendizagem e desenvolvimento do potencial artístico, expressivo e criativo.

Partindo desse olhar surgiu a necessidade de investigar como a arte vem sendo usada no processo de inclusão de crianças com deficiência na escola. O estudo se justifica dada a relevância social que a inclusão adquiriu no final do século XX, o movimento internacional que se destacou como política pública no contexto social brasileiro e que garante direitos educacionais iguais para todos na escola regular, trazendo novas discussões que geraram novas concepções e práticas para o fazer didático pedagógico. Várias pesquisas

estão sendo feitas nessa área e a arte nesse processo é de suma importância, pois ajuda a criança em seu desenvolvimento global, aprimorando suas habilidades e seu processo de inclusão não só nas escolas, mas também na sociedade.

O principal objetivo foi compreender como a metodologia desenvolvida pelo professor de Artes pode influenciar no processo ensino aprendizagem do aluno com deficiência que está no ensino regular. Assim, algumas perguntas são levantadas sobre a forma como a educação inclusiva tem sido trabalhada e efetivamente empregada no contexto educacional brasileiro: Quais os aspectos subsidiam a Educação Inclusiva no Brasil? A arte, enquanto propiciadora de desenvolvimento e emancipação, poderia ser utilizada como ferramenta de auxílio no processo de aprendizagem com alunos que possuem necessidades educacionais especiais?

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, onde se procurou buscar fundamentos para as discussões e ideias descritas no decorrer deste artigo, as bases de dados que foram usadas para consultas foram: artigos de publicações nacionais e internacionais, dissertações, teses, livros, dentre outras fontes consultadas com publicações de autores renomados que conversam sobre a temática: Glat e Ferreira (2003), Mantoan (2003), Sassaki(1997), dentre outros.

O artigo faz considerações importantes quanto ao ensino na arte, desde os objetivo e histórico da arte no Brasil, seguindo pelo estudo do ensino de artes na educação especial como instrumento de inclusão, bem como a atuação dos professores de artes no ato de incluir alunos com necessidades especiais. Abordando, sempre, a arte no processo de ensino e aprendizagem, e mais especificamente a contribuição da aula de artes no processo de inclusão das crianças com deficiência.

DESENVOLVIMENTO

Nossa sociedade vive um momento fértil para discutir e aprender sobre as diferenças em todos e quaisquer aspectos. Neste caso, a participação das pessoas com deficiência é, por si só, um contributo muito positivo para esta reflexão. Um dos primeiros sinais que caracterizam a implementação de processos de inclusão é a evolução e consolidação da forma como as pessoas com deficiência são referidas. (FREEDOM, 2022).

Segundo Abujamra Piccirillo e Prux (2010) deficiência é a ausência ou diferença significativa na estrutura corporal, função ou funcionamento mental de uma pessoa. Por exemplo, problemas na estrutura do cérebro podem resultar em dificuldade nas funções mentais, ou problemas na estrutura dos olhos ou ouvidos podem resultar em dificuldade nas funções de visão ou audição. Embora muitas vezes o tema deficiência seja tratado como um todo, como se pudesse englobar toda uma população, na verdade, existe um grupo diversificado de pessoas com uma ampla gama de necessidades. Duas pessoas com o mesmo tipo de deficiência podem ser afetadas de maneiras muito diferentes. Algumas deficiências podem estar ocultas ou não ser fáceis identificar.

Partindo para um caminho contrário ao que é estipulado pela lei, acredita-se que não se deve levar em consideração a deficiência em si da pessoa, uma pessoa deverá ser considerada com deficiência ou não, levando em consideração o grau de dificuldade com que essa deficiência permite ou não a inserção desta pessoa na sociedade ou não. Muitas das vezes esta deficiência é tão ínfima que passa até despercebida por todos nós, não implicando em nada com que esta pessoa possua uma vida normalmente integrada na sociedade.

Segundo Rayo:

> O desafio da educação está, sem dúvida, em colaborar na tarefa da humanidade de tratar de encaminhar-se para formas futuras de organização social e de relações com o entorno que sejam justas e ecologicamente perduráveis. A educação, entendida como um processo global de conscientização e de reconstrução cultural da sociedade tem como missão primeira informar sobre o conhecimento cada vez mais profundo dos problemas globais da população mundial e do estado do planeta, de seu desenvolvimento e tendências, [..] assim como refletir sobre como os agentes sociais poderiam promover as transformações emancipatórias necessárias. (RAYO, 2004, p. 87)

Esse processo de ruptura e inclusão dessa criança em ambientes diversos daquele que ela está acostumada pode gerar traumas, insegurança, medo, enfim, a criança enfrentará o desconhecido que, dependendo do ambiente, poderá ser hostil ou receptivo, de acordo com o grau de aceitabilidade das diferenças. Esse processo de crescimento está no fato das pessoas se envolverem num sentimento de ajuda mútua cultivando valores que tornam as pessoas melhores.

A escola inclusiva precisa se tornar uma realidade em todos os lugares, pois traz muitos benefícios para todas as pessoas envolvidas. De acordo com Mantoan (2005), numa escola inclusiva o respeito às diferenças é uma lição que tanto professores quanto alunos aprenderão. Ambos se beneficiarão com essa lição que deve ser disseminada por toda a nação e a escola é o melhor lugar para que essa disseminação ocorra.

Hoje, sabe-se que cada indivíduo constrói a sua inteligência de uma forma, e as pessoas não aprendem do mesmo jeito. Nesse sentido, precisamos buscar novos caminhos para pensar a educação escolar. Um deles é o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) que tem como objetivo pensar em estratégias que levem em consideração como os alunos aprendem, para atingir a turma como um todo no ensino dos diferentes conteúdos.

O DUA é constituído por um complexo de princípios, com embasamento em pesquisas e materializa um referencial prático que tem como finalidade ampliar e potencializar as perspectivas de aprendizagem para todos os discentes. A referência do DUA estimula a criação de propostas flexíveis desde o início, apresentando opções personalizáveis que permitem a todos os estudantes progredir a partir de onde eles estão, e não de onde nós imaginamos que estejam (HEREDERO, 2020). Há que se proporcionar meios múltiplos de apresentação, oferecendo-os meios diversos para a percepção da informação ou do conteúdo apresentado aos estudantes. Por exemplo, considera-se que o aluno consiga distinguir este conteúdo tanto no modo visual quanto no modo auditivo. Ou seja, o DUA também aponta para os multiletramentos e o uso das diferentes linguagens no processo de ensino aprendizagem.

De acordo com Guattari (2012), crianças com deficiência necessitam de ações mediadas, dos agentes mediadores, da postura de mediação do professor. Se o processo de transmissão de ensinamentos não fica restrito às escolas, mas se dilui pelas malhas da rede social, é de grande importância que se repense todo o processo de formação de professores em diferentes níveis, para atuar no contexto dessa sociedade do conhecimento. O educador deve estar preparado para o principal desafio que se lhe coloca hoje, que é o de produzir novas potencialidades.

A inclusão escolar, segundo Donini (2015), é garantir o direito de interagir, aprender e pertencer, acima de tudo, respeitando as necessidades e potencialidades de cada um. Portanto, a estruturação do princípio político de inclusão escolar não está centrada na distinção entre aqueles que são categorizados na curva de normalidade e aqueles que estão distanciados desta curva pela sua deficiência e/ou outra condição específica. É importante ressaltar que a inclusão escolar não é um fim a ser alcançado: a inclusão é um processo, previsto a ser dinamizado em todas as práticas da escola, seja no repertório pedagógico docente, nas estratégias metodológicas que são utilizadas, na organização do currículo e nas relações promovidas entre alunos, professores, familiares e funcionários.

A pessoa com deficiência vem conquistando um espaço respeitável no âmbito social. Devido à sensibilização da sociedade e a implementação de leis, notou-se a expansão dos direitos das pessoas com deficiências físicas e a adequação de espaços físicos para o acesso das mesmas. Leis discutindo e apresentando um conjunto de direitos para as pessoas com deficiência estão mais comuns e divulgadas na sociedade brasileira, ainda assim, persiste algumas dificuldades enfrentadas por essa população específica, como a efetiva inclusão na sociedade, a acessibilidade, o preconceito, entre outros fatores que dificultam a real igualdade e equidade pregada pelas leis vigentes.

Sassaki (1997, p. 41) ressalta que a inclusão vai além do adaptar, onde cada um seja capaz respeitar e batalhar por ideais, criando uma identidade capacidade de expressar nas situações do dia a dia. Dentro desta

perspectiva conclui-se que a inclusão visa não apenas embasamentos teóricos, mas propõe uma busca pessoal para agir e construir saberes.

Segundo Glat e Ferreira (2003), elaboradores do Panorama Nacional da Educação Inclusiva no Brasil, pontuam que a Educação Inclusiva tem como premissa o combate à exclusão educacional, por questões sociais, econômicas e de necessidades especiais dos brasileiros. Esse diagnóstico avaliou a Educação Inclusiva em seis temáticas específicas entre elas estão: currículo, acessibilidade, família/comunidade, recursos humanos, material pedagógico, tecnologias assistivas e políticas públicas.

O ambiente da sala de aula constitui-se em um espaço de aprendizagem em que o professor pensa em atividades que estimulem o desenvolvimento dos processos mentais dos estudantes. Por meio do conhecimento da arte o aluno é capaz de compreender o mundo, ela favorece a comunicação, expressão e linguagem, que quando estimulada, pode contribuir para o desenvolvimento da percepção, imaginação, raciocínio criativo e também sensibilidade. Por isso é importante ser um professor capacitado nesta disciplina, para se ter estratégias pedagógicas capazes de estimular os estudantes.

A arte "constitui-se como experiência estética e humana, como área de conhecimentos que tem seus conteúdos próprios" (Borba e Goulart, 2007, p. 48).

Arte é a atividade ligada a manifestações de ordem estética, feita por artistas a partir de percepção, emoções e ideias, com objetivo de estimular esse interesse de consciência em um ou mais espectadores, e ressaltar que cada obra de arte possui um significado único e diferente (COLI, 1998).

Reduzir a arte a conceito seria ignorar sua essência, ou seja, a liberdade independentemente do tempo, das civilizações, do espaço e da matéria. Por outro lado, de acordo com o momento histórico, as correntes de pensamento, e os objetivos, a arte pode ser interpretada de maneira diversa. No que se refere ao ensino da arte, vários pensadores baseados em estudos e pesquisas definiram a arte segundo sua linha de raciocínio.

Artes visuais referem-se ao conjunto de artes que representam o mundo real ou imaginário e que a visão é a principal forma de avaliação. A arte visual está relacionada à beleza estética e a capacidade de criar do ser humano, sendo capaz de realizar obras agradáveis aos olhos. (VYGOTSKY, 2009)

A BNCC traz como destaque no componente arte; a música, o teatro, a dança e as artes visuais. À disciplina ensino da arte está organizada em cinco unidades temáticas, cada unidade contém determinados objetos do conhecimento que estão relacionados às habilidades refletidas nas dez competências. Essas competências indicam os objetivos a serem alcançados pelo aluno; percepção, capacidade de criação, interpretação, analise da produção cultural e contexto de mundo.

Analisando essa orientação da BNCC, é importante dizer que por mais que o diálogo e a interdisciplinaridade dos conteúdos sejam valorizados e importantes no processo de ensino e aprendizagem, é preciso manter se alertar para as diversas compreensões que o texto propõe, pois pode dar "margem para interpretações equivocadas e para o retorno da famigerada polivalência, tendo como justificativa a necessidade da valorização do trabalho interdisciplinar" (PERES, 2017, p.31).

Para compreendermos melhor nosso papel como docentes e nossa relação profissional com o conhecimento que será construído, é fundamental questionarmos a concepção de currículo adotada pela normativa curricular vigente. A Arte/Educação e todos aqueles que se preocupam com sua existência têm lutado incansavelmente por seu reconhecimento como um campo do conhecimento e um componente curricular obrigatório. Nesse sentido, a análise da maneira de como a BNCC aborda o ensino de Arte reflete nosso comprometimento com a promoção de um ensino de Arte diverso e abrangente nas escolas, com qualidade educacional e valorização de todas as linguagens artísticas.

A BNCC salienta a importância do ensino de Arte que, enquanto área de conhecimento, contribui para a autonomia reflexiva, criativa e expressiva dos discentes por meio de uma conexão estabelecida entre o pensamento, a sensibilidade, a intuição e a ludicidade. Através da Arte, há uma ampliação

do conhecimento do sujeito sobre si, o outro e o mundo compartilhado. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam e se interconectam numa perspectiva crítica, sensível e poética em relação à vida, através da sua capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e as rotinas. (Brasil, 2017, p. 482). Além da contribuição da Arte na formação de sujeitos, Romanelli (2016, p. 6) ainda cita a ênfase à autonomia dos estudantes. Essa autonomia é conquistada pelas percepções e compreensões do mundo, através da perspectiva crítica, sensível e poética, que o ensino de Arte possibilita.

Os autores Rodrigues et al. (2013) afirmam que "o ensino de Artes com a música pode desenvolver a melhoria da audição e da fala, aderindo aos aspectos motores e sensoriais, influenciando nas linguagens". Além disso, se for utilizado o teatro, pode desenvolver a coletividade e um trabalho desenvolvido em grupo, respeitando os espaços e a altura do próximo.

Conforme a BNCC (Base Nacional Comum curricular) afirma: O componente curricular contribui, ainda, para interação crítica dos alunos coma complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

A aprendizagem artística está ligada ao fazer, fruir, relacionar, pensar e contextualizar, a partir da experiência, de modo que compreende o conceito de experiência a partir das definições de John Dewey. Além disso, por ela os estudantes são vistos como protagonistas dos processos de criação e conhecimento. A Arte é também vista como expressão e "materialização das estruturas corpóreas internas (...) com a ambiência" (PIMENTEL, 2013, p. 101). E enxerga, na formalização da pesquisa em arte e na criação, um conjunto de relações que unem "conhecimentos já vivenciados e construídos, a partir das tensões subjetivas e corpóreas" (PIMENTEL, 2013, p. 101) que articulam a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão, na realização, fruição e aprendizagem de produções artísticas.

Quando se dirige o pensamento a Arte na educação é preciso considerá-la como um elemento importante para entender o processo de vivência de cada sujeito, ou seja, se o mesmo é educado através da Arte, consideravelmente haverá transformações visíveis a serem observadas como: sendo capaz de conquistar sua autonomia, torna-se crítico frente às questões sociais que o rodeia e é capaz de construir sua própria identidade, entende-se, portanto que em tais manifestações, a Arte configura-se nesse caso como agente transformador e socializador, pois na formação de individuo, a mesma não pode estar desvinculada do meio à qual ele pertença.

Em um contexto de diversidade cultural e social tão rico como a escola, a arte encontra um campo farto para atuação, pois a cultura e as vivências de cada aluno podem contribuir para o desenvolvimento de trabalhos mais criativos e diversificados, porque a criança, se estimulada, tem a capacidade de passar para o papel a expressão de seus sentimentos e características de sua personalidade, e isto se tornaria impossível em uma turma homogênea, que é como as escolas os tratam, pois nesta concepção de "enformamento" todos seguiriam os mesmos padrões, o que seria empobrecedor para o território da arte desenvolver seu trabalho.

O fazer artístico e o encontro com trabalhos de arte têm a potência de gerar conflitos, de gerar incômodos que provocam a reflexão sobre nossas relações na escola e coma escola. Percepção da relação como outra como forma de quebrar barreiras atitudinais, em relação às pessoas com alguma deficiência, mas também com qualquer pessoa tida como diferente. O entendimento de diferença como algo inerente ao ser humano assim como a semelhança que nos proporciona a empatia. O entendimento de diferença não como o que foge à norma é de grande importância na construção de espaços inclusivos com respeito aos indivíduos. Há necessidade de entender a diferença como potência, como a possibilidade de aprender a relação com o outro, estimulando a curiosidade e não o medo.

As Artes devem ser abordadas a partir do

pressuposto segundo o qual cada estudante tem uma cultura diferente. Dessa forma, a aprendizagem sobre as diferenças sociais e a diversidade enriquece a sala de aula. Na concepção de Mantoan e Pietro (2006), o direcionamento dos conteúdos em Artes é fundamental para a interação entre os estudantes, porque possibilita uma ressignificação nas práticas pedagógicas e torna possível o trabalho coletivo e as atividades independentes. Além disso, pode proporcionar motivação e construção de um espaço com diversidade e inclusão.

As brincadeiras e jogos de faz-de-conta auxiliam no desenvolvimento social das crianças, porque propiciam a capacidade de ter empatia, que só é possível graças à habilidade de projeção imaginária. Ferreira (2001). As atividades pedagógicas que envolvem as Artes propiciam o desenvolvimento dessa habilidade tão relevante para o convívio em sociedade. Ferreira, (2001, p.20) explica: "O jogo do faz de conta também dá às crianças a oportunidade de aprender a sentir como os outros e pelos outros, o que é um ingrediente importante para o desenvolvimento social."

Assim como o lúdico, o teatro, a dança, a pintura, o desenho, a criatividade, o conto de fadas, também fazem parte de um momento em que as crianças se expressam, comunicam e transformam a vida na relação com a arte, ou seja, "somos potencialmente criadores, possuímos linguagens, fazemos cultura" (PIRES, 2009, p. 47). O contato com as diferentes formas de artes oportuniza aos alunos a exploração, o conhecimento, a brincadeira, desenvolvendo uma visão transformadora beneficiando um vínculo com a realidade, contribuindo para analisar a compreensão do aluno e do mundo a qual vivencia, favorecendo a ligação entre a fantasia e a realidade. Compreender as artes como um espaço de experimentação, onde a criança possa construir uma análise pessoal das suas construções.

Nesse processo, o papel do professor é o de mediador entre o conhecimento sociocultural presente na sociedade e o aprendizado do aluno. "Sendo o processo ensino aprendizagem constituído na interação, o professor está atento e aberto às dúvidas, impasses, curiosidades, formulando sínteses, discutindo significados e ultrapassando limites" (NASPOLINI, 1996, p. 189). Promovendo novos campos de saberes às crianças, que são sem dúvida, ávidas de conhecimentos, experiências e diversas formas de expressão artística e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras

CONCLUSÃO

Para haver inclusão é necessário que façamos uma revisão em nossos conceitos e nas práticas curriculares e nos programas existentes. Em termos de Arte Educação, é possível ter um ambiente escolar que reconheça os sentidos para a promoção do conhecimento artístico e também na busca da auto expressão e autonomia possível de cada sujeito, cientes de seu mundo, promovendo por meio das experienciais estéticas, do fazer e perceber a arte como linguagem.

Sabe-se que as escolas inclusivas devem reconhecer e responder as diversas dificuldades apresentadas por seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem que eles apresentam e assegurando-lhes uma educação de qualidade. Essa inclusão deve ser realizada mediante currículos apropriados, modificações organizacionais, estratégias de ensino, recursos e parcerias com a comunidade.

Enquanto professores devemos ficar atentos aos direitos das pessoas com deficiência também, afinal, somos profissionais que temos o dever de zelar por eles. Precisamos garantir que sejam atendidos quanto ao quesito educação, oferecendo, por exemplo, treinamento vocacional e reabilitação, assistência, aconselhamento, serviços de colocação e outros serviços que lhes possibilitem o máximo desenvolvimento de sua capacidade e habilidades e que acelerem o processo de sua integração social

O estudante não deve ser visto como um ser incapaz de produzir e questionar o meio em que vive, é fundamental que o professor valorize o conhecimento empírico de seu aluno, buscando sempre que possível contextualizar o assunto que está sendo abordado em sala de aula com o cotidiano do alunado. Assim o mesmo se tornará mais participativo, ocorrendo uma interação entre ambos,

vindo de forma cooperar com seu aprendizado, bem como sua inclusão em sala de aula.

A arte possibilita a expressão e estimulação dos sentimentos, das emoções, da criatividade e imaginação, contribuindo assim para a formação de sujeitos com conhecimento de sua própria história, sujeitos críticos e participativos. Sujeitos capazes de comunicar sua visão de mundo sobre a natureza e a cultura mediante a expressão de significados criados por meio da arte. Além disso, facilita o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais nas classes regulares.

O processo de aprendizagem envolve quem ensina, como ensina e pra quem ensina e quando se trata de estudantes deficientes os cuidados precisam ser redobrados, tanto na escola especial quanto na escola inclusiva. O professor precisa aprimorar seus conhecimentos, utilizar metodologias adequadas que ajude ao estudante desenvolver suas habilidades, aprendizagem e desenvolvimento.

Todos esses itens elencados revelam a necessidade de maiores investimentos na área da educação especial, tanto na formação dos professores quanto em recursos disponíveis para oferecer um suporte adequado às necessidades desses alunos. Ademais, as legislações precisam estar em constante evolução para que a educação especial ofertada não seja negligenciada e os estudantes prejudicados.

REFERÊNCIAS

ABUJAMRA, A.C.P.; PICCIRILLO, M.B.; PRUX, O.I. Saúde: Direito da Pessoa com Deficiência. UNOPAR. Cient., Ciênc. Juríd. Empres., Londrina, v. 11, n. 1, p. 31-39, Mar. 2010.

BORBA, Ângela Meyer; GOULART, Cecília. As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade. 2 ed. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 10 dez. 2024.

COLI, Jorge. O que é Arte. São Paulo: Brasiliense, 1998.

DONINI, Márcia Alcará. Inclusão Escolar: caminhando com a gestão democrática. 2015. 49 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gestão Escolar, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FERREIRA, Sueli. (org.) O Ensino das artes: Construindo caminhos. Campinas, SP: Papirus, 2001.

FREEDOM. Deficiente, pessoa especial ou portador de necessidades? Descubra o termo correto. Disponível em: https://blog.freedom.ind.br/pessoa-comdeficienciaevolucao-do-termo-e-dos-conceitos-aplicados/. Acesso em: 20 jan. 2023.

GLAT, Rosana; FERREIRA, Júlio Romero. Panorama Nacional da Educação Inclusiva no Brasil. Educação Inclusiva no Brasil. Banco Mundial - Cnotinfor Portugal. Disponível em <https://www.unijales.edu.br/library/downebook/id:1068> Acesso em 20 de Jan. 2024.

GUATTARI, Felix. CAOSMOSE: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.

HEREDERO, S. E. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Revista Brasileira de Educação Especial, v.26, p.733-768, 2020.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão Promove a Justiça. In: Nova Escola, maio de 2005. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/902/inclusao-promove-ajustica>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MANTOAN, M. T. E., & PIETRO, R. G. Inclusão escolar: pontos e contrapontos. Summs. 2006.

NASPOLINI, Ana Tereza. Didática do Português – tijolo por tijolo: leitura e produção es-

crita. São Paulo: Scipione, 1996.

PERES, José Roberto Pereira. Questões atuais do Ensino de Arte no Brasil: O lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular. Revista do Departamento educação, desenho e Artes Visuais, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 24-36, ago. 2017. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/revistaddav/article/view/1163>. Acesso em: 21 dez. 2024.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. A Cognição Imaginativa na formação de professor@s/artistas: experiências em diálogo. A Cognição Imaginativa como projeto de formação do professor@/artista. In: CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL, 26, 2016. Anais [...]. Boa Vista: UFRR, 2016. p. 11-21.

PIRES, E. Proposta Curricular da Educação Infantil. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 2009.

RAYO, J. T. Educação em direitos humanos: rumo a uma perspectiva global. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, T. et al. A Arte na Educação Infantil: instrumento de desenvolvimento humano psicointelectual e emocional na infância. In: Congresso Nacional de Educação, 11. 2013, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: EDUCERE, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26986_14097.pdf. Acesso: 06 dez. 2024.

ROMANELLI, Guilherme Gabriel Ballande. Falando sobre a Arte na Base Nacional Comum Curricular (BNCC): um ponto de vista da Educação Musical. Revista de Letras, Artes e Comunicação, Blumenau, v. 10, nº 3, p. 476-490, set./dez. 2016.

SASSAKI, R.K. Inclusão: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

VYGOTSKY, L.S. A imaginação e a arte na infância. Lisboa: Relógio D'água, 2009.